

15/01/2014 - 00:00

Dólar turismo fica mais caro após alta do IOF

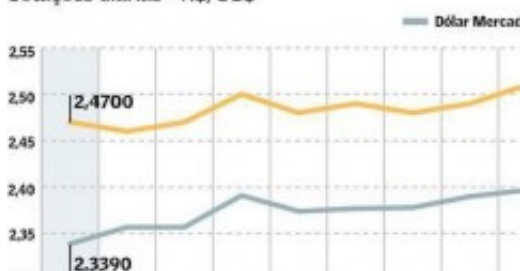
Por Danylo Martins e Sérgio Tauhata

Viajar ao exterior ficou mais caro para o brasileiro mesmo para quem trocou o cartão pré-pago pelo papel-moeda após a alta do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) incidente sobre transações feitas com a modalidade eletrônica.

Em vigor desde o dia 28 de dezembro, a subida do IOF atingiu transações com cartões pré-pago, cheques de viagem e saques de moeda estrangeira no exterior, de 0,38% para 6,38%. Dessa alta, só escapou o papel, que manteve a alíquota de 0,38%.

Mercado x Turismo

Cotações diárias - R\$/US\$



(/sites/default/files/gn/14/01/arte15inv-101-cambio-d2.jpg)

O impacto imediato da medida foi a alta da procura por moeda em papel, que aumentou até

quatro vezes em algumas corretoras. Mas outro efeito, que tinha sido previsto por especialistas consultados pelo **Valor** no fim de dezembro, foi o aumento do "spread" do dólar turismo em relação ao comercial, ou seja, a diferença dos valores para compra entre as duas modalidades.

O levantamento das cotações diárias do dólar turismo e do comercial feito pelo **Valor Data**, desde 27 de dezembro, um dia antes da medida entrar em vigor, entretanto, mostra o início de um descolamento das taxas a partir da segunda semana deste mês. O "spread" do dólar turismo subiu de 5,6% em 27 de dezembro para 6,76% no dia 13 de janeiro, mas a abertura dessa curva começou antes, em 8 de janeiro.

O ajuste do dólar turismo também tem sido sentido na prática por clientes. Segundo relatou ao **Valor** um viajante que preferiu não se identificar, no início de janeiro, ao percorrer casas de câmbio para comprar dólar, deparou-se com uma "taxa" embutida de 6% para a moeda em espécie.

As corretoras, porém, refutam essa possibilidade. Para Ricardo Sales, head de câmbio da Máxima, não houve esse movimento até então. Em sua análise, é cedo para se identificar um tendência em relação à cotação do dólar turismo. "A gente não consegue, ainda, ter uma fotografia exata [do mercado]", aponta.

Na avaliação da planejadora financeira com certificação CFP, Leticia Camargo, o aumento da demanda por papel-moeda pode elevar o spread entre a cotação do dólar turismo e do comercial. Além da própria pressão do crescimento da procura, as próprias corretoras ressaltam que o custo do dinheiro em espécie é maior. Isso ocorre porque o manuseio de cédulas exige gastos com transporte, armazenagem e seguro, inexistentes para o cartão.

"A gente está vendo claramente que está tendo transferência do cartão pré-pago para compra de papel-moeda, em função dos custos do pré-pago", afirma Alexandre Fialho, diretor de planejamento do Banco Rendimento e diretor da Cotação DTVM. Segundo Fialho, o cliente que montava sua reserva para viajar com 80% no cartão de débito inverteu a proporção e passou a comprar 20% no pré-pago e 80% em papel.

Diante desse cenário, a demanda excessiva por moeda pode provocar escassez? As corretoras acreditam que não existe risco de isso acontecer. "O papel não deve faltar. Todos os grandes importadores de dinheiro sabem quais os períodos de pico, por exemplo, no Ano Novo e antes do Natal", explica João Medeiros, sócio-diretor da Pioneer Corretora.

O diretor administrativo do Grupo Fitta, Rodrigo Macedo, afirma que as corretoras costumam cobrar taxas mais baixas para a compra de dólar na modalidade pré-pago, que tem despesas menores de manuseio. No caso da Fitta, a cotação no pré-pago chega a ser dois pontos percentuais menor se comparada ao do dinheiro em espécie. Isso significa que, com a alta do IOF, o custo final do pré-pago em relação à moeda física pode se situar entre 4% e 5% a mais, mesmo com a alíquota para o cartão de débito tendo subido seis pontos percentuais (para 6,38%).

Na opinião de Medeiros, da Pioneer, a tendência é de que, com o tempo, os viajantes enxerguem o custo extra do cartão de débito como o preço por diferenciais como segurança e controle de gastos. "Dinheiro em espécie expõe mais o viajante", afirma. Macedo, do Fitta, cita férias com filhos como exemplo da flexibilidade do plástico: "Existe a opção do cartão adicional, que pode ser deixado com os filhos", reforça. No caso de viagens a trabalho, segundo ele, as empresas aderiram ao pré-pago pela maior transparência e, portanto, eficiência, em relação às despesas.